

A defesa da liberdade de imprensa, tarefa de todos

FLORA LEWIS
De N. Y. Times

TALLOIRES, França — A liberdade de imprensa, essencial à liberdade das pessoas de ser informadas e de influenciar o seu próprio destino, é alvo de assédio cada vez maior. Um estudo feito pelo Instituto Internacional de Imprensa mostra que os controles e a hostilização da parte dos governos em relação à liberdade de imprensa aumentaram substancialmente, na maior parte do mundo, no decorrer do último ano.

Em reposta, os defensores dessa liberdade começam a compreender que não devem protestar somente quando ela é ameaçada em seu próprio território, e que uns devem ajudar a reforçar as defesas dos outros. Essa foi a mensagem transmitida por uma conferência da comissão de Liberdade de Imprensa Mundial, que acaba de se encerrar nesta cidade. A conferência tem implicações de natureza prática, profissional, mas seu alcance vai muito além dos jornalistas.

Os representantes das principais organizações da mídia escrita e de emissoras de 25 países das Américas do Norte e do Sul, da Europa, da África e da Ásia reuniram-se para discutir sobre o que estão fazendo e o que mais poderia ser feito em relação a esse problema. Houve muitas discussões, no bom estilo democrático, mas os participantes demonstraram que surge uma visão distorcida do mundo quando só os governos são ouvidos.

O retrato do Terceiro Mundo é muito diferente do apresentado nas Nações Unidas, na Unesco, ou no Movimento dos Não-alinhados. Basta ouvir Arun Shourie, da Índia, que afirma que "Liberdade não é ajuda externa. Ela não nos pode ser dada. É a nossa liberdade que está em jogo, e temos que exercê-la".

É preciso ouvir o que dizem cidadãos do Peru e do Uruguai, do Quênia e Gana, Barbados e Trinidad. Eles não pedem indulgência para os países jovens e subdesenvolvidos. Eles não querem que as falhas das suas nações sejam julgadas de acor-

do com um padrão duplo de avaliação, ou com paternalismo. Eles pedem que seja criado um padrão universal, e querem isso pelo bem de suas próprias sociedades, para a melhora da situação e proteção do seu povo.

Eles querem e procuram ajuda, mas ajuda para poder travar sua própria luta pelos seus direitos. "Precisamos de conhecimentos técnicos, de ferramentas, de contato com as sociedades livres, pois só dessa forma saberemos como reagir melhor aos ataques" — disse Cameron Dou-do, de Gana.

INTERESSE EM AJUDAR

E, finalmente, as nações ricas e poderosas do Ocidente começam a reconhecer que elas próprias têm interesse em fornecer ajuda. Há cerca de 300 projetos particulares em andamento, compreendendo treinamento de jornalistas e técnicos do Terceiro Mundo. É um começo modesto, que, entretanto, poderá crescer como bola de neve se as pessoas beneficiadas por esse treinamento

passarem adiante o seu conhecimento e seu senso de ética profissional.

Não há muitos países democráticos no mundo, não há muitas sociedades onde a imprensa é livre. Mas, como destacaram os oradores do Terceiro Mundo, sua influência é muito maior do que a sua força numérica. É essencial que ela seja usada por via direta, sem a interferência deformante dos governos.

Esse senso de preocupação comum, de que há necessidade de esforço conjunto, é relativamente novo, e surgiu em grande parte porque a Unesco — Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura — insiste em uma campanha destinada a ampliar o controle dos governos sobre a informação, sob o pretexto de garantir o "direito de comunicação" dos povos, a "responsabilidade" e a "proteção" dos jornalistas.

Durante muito tempo, a imprensa ocidental não prestou grande atenção a isso; Mas agora torna-se cada vez maior o reconhecimento de que a defesa da liberdade é impor-

tante demais para ser deixada a cargo dos diplomatas e soldados. Independentemente das outras causas pelas quais lutam, os governos do mundo, na sua maioria, têm interesse comum em silenciar as críticas e em garantir o direito de monopolizar a voz do seu povo.

É por isso que outras vozes — as "Vozes da Liberdade", como foi chamada a conferência de Talloires — precisam unir-se em brados suficientemente altos para não poderem ser ignorados. A nova mídia tem a maior parte da responsabilidade, mas a questão afeta a todos os cidadãos.

Havia a tendência a ver nas incessantes batalhas pela liberdade de imprensa uma espécie de luta por interesses especiais, para defender as reivindicações de mais uma indústria comercial, como sucede com a indústria petrolífera, açucareira ou automobilística.

Em parte a responsabilidade por isso cabe aos veículos de informações, que tentam defender seus lucros mas nem sempre explicam os seus motivos. A sobrevivência co-

mercial é uma condição para que eles possam continuar a serviço da liberdade. A Constituição dos Estados Unidos determina que o governo "não fará nenhuma lei... reduzindo a liberdade de palavra ou da imprensa" — e isso não em nome da proteção dos jornalistas, mas da proteção de todos.

Agora está claro que os norte-americanos têm interesse imediato em apoiar a capacidade dos povos de outros países de garantir para si os mesmos direitos. O êxito deles contribuirá muito para determinar se os Estados Unidos precisarão conviver com um Terceiro Mundo progressivamente antagonico, ou manterão com ele uma sociedade benéfica.

É esse, sobretudo, o trabalho da mídia independente. Ela deve apoiar moral e político, e também ~~ajuda~~ técnica e educacional, ~~as pessoas~~ milhares de pessoas que lutam para transmitir a mensagem, como foi um participante da conferência de Talloires, para quem "os governos do Terceiro Mundo não são o povo do Terceiro Mundo".